



*ÍNDICE**DEDICATÓRIA**AGRADECIMENTOS**PREFÁCIO**POEMAS*

Plantio
Poema para uma poesia
Força da amiga
Sistema
Melancolia
Tocaia
Longa estrada
Bilhete
Lua virada
Saci da Lia
Presente divino
Seda
Flor de pitanga
Amigo da onça
Desmanche
Letras soltas (lapidando)
Lições
Animal
Dois mundos
Janela
Soneto apaixonado
Se eu fosse poeta
Força da amiga
Voar
Reconto de Natal
Tsunami
Dedilhando

Dedicatória

Para meus filhos Mariana e João Lucas
para Bia - maravilhosamente simples assim!

Agradecimentos

Aos meus amigos.

Prefácio

Para quem abriu este livro sem saber o que vai encontrar, faz mal não, pode ir lendo que a vontade de continuar será um crescente.

Esse moço escreve umas coisas que se não são poesias são prosas poéticas. Eu me explico: os textos aqui apresentados tem uma voz que chega até nossos ouvidos carregada pelo ar. É leve, solta, envolvente, vai pousando de mansinho na mente e formando imagens que de tão nítidas poderiam ser fotografadas. Mesmo quem nunca viu um pé de jaboticabas, nem uma estradinha de sertão, nunca teve amigo caçador de onça, vai se encontrar dentro da história porque a prosa bem escrita é assim; o leitor começa a ler e pronto, já está dentro do texto. Isso é mérito de contador de causos, gente que tem por natureza observar tudo ao seu redor e depois narrar tim-tim por tim-tim misturando ficção com tudo que ficou gravado na alma.

São poucos os autores com habilidades para soltar suas histórias assim, de mansinho, acompanhadas dessa voz meio felina, meio preguiçosa, que vai se enroscando no imaginário e pousando de mansinho na mente. William é raro, é mestre.

Experimente para ver se não é isso mesmo!

Beto Muniz *

* *Beto Muniz é escritor Responsável pelo sítio dos [Anjos de Prata](#), é o editor das antologias anuais do sítio e de diversos outros títulos e autores*

Plantio

Quisera eu entender das gentes, pois olhe
Colhi viçosas mudas de grama nascidas em brita, pedra seca
e rude
grama cuiabana
plantei em chão fértil, fofa terra de cultura
Morreram todas.
Tem gente que é assim, árida.

Poema para uma poesia

(para "As três" de Ly Sabas)

As pedras tem o curioso hábito de permanecerem caladas.
Pacto.
São cúmplices de momentos únicos
Sempre fechadas em si mesmas.
Confidentes.
não se oculta segredos das pedras,
compartilha

Força da amiga

Canto dos pássaros
brisa calma, mar perfeito
lindas luas noites frias
Lareira acesa - vinho a aquecer.
Sem amigos - qual a graça - nada disso poderia acontecer.

Sistema

Hoje pensei no computador, tenho praticado.
A idéia vem forte, assim à toa
até que ele liga, pronto a idéia já é outra
Ciberespaço, o que faço?
Tristeza.

Melancolia

Lua cheia ontem nasceu amarelo ouro, beleza tensa - imensa
- suaviza noite adentro.
Solos inflamados de violino em fogo traçam seu musical e
celeste caminho seguro.

Torna-se clara, mansa, flutua entre estrelas jóias. Sempre
só - solitária nobreza. Pausa breve, descansa.

Lenta busca a proteção do horizonte, melancólica se deita -
se faz tarde.

Nascerá minguante sedenta agonizante brilho a enfraquecer
até se tornar nova,
bancos de pedra, úmidas tatuagens a combinar com a trilha
escura,
outra vez cumprindo sina, se torna crescente como a ter
pressa se transforma rapidamente melancólica de tão cheia,
Reluzente ciclo - aplausos - eternamente.

TOCAIA

Ansiedade assumida, suor a escorrer pela testa.
Arapuca armada - quirela amarelinha como a encantar e colorir a festa.
Por de trás da moita nas mãos a linha grossa, já suja e remendada - o gatilho da espreita, da tocaia.
Horas a fio vendo a bela trocal a pastar perto, rodeia/arrulha mineira, desconfiada. Um sem ciscar de busca pelo milho na sombra, vem devagar, observa. Aos poucos perde o medo, a mão do barbante se retesa, joelho raspa a terra molhada, está quase de pé. Só mais um pouco, paciência.

O suor agora embaralha a vista, em cachoeira passa pela sobrançelha e corre solto por sobre os olhos. Coração agora bate na garganta, é hora.
Arapuca-algoz pronta, quase treme, cordão teso. Pomba passa rente, esbarra na taboca que estala, um súbito parar, bico para o alto olhos aflitos como a procurar.

Um leve bater de asas sem voar, procura, pressente.
Moleque fica pálido sente arrepio e dor de posição. Já não agüenta segurar a própria mão, geme, arfa baixinho. A correia da sandália de plástico parece querer cortar seu pé que já formiga adormecido.

A trocal ainda parada olha de soslaio a quirela na sombra da arapuca. Determinada com seu jogar de cabeça avança, estica o pescoço para dentro, assunta.
Futrica chega esbaforida e em espalhafatosa busca acha o dono,
pula/late/lambe, irresponsável, é só o tempo de um olhar por sobre a planta para ver a trocal em assoviado vôo se ir barulhenta.
Menino e cão rolam pelo chão, raiva passa rápida, aos risos brinca de outra coisa.
Criança é assim por natureza - feliz.

Longa estrada

Contam as más línguas, e aqui só repasso pois nem sei se verdade é, estranha história ocorrida em meados do século passado. Com o intuito de diminuir o isolamento em que se encontrava a cidade de Manaus, governador do estado e prefeito municipal resolveram deixar as querelas políticas de lado e unirem forças na construção de um estrada internacional que ligaria a capital do Amazonas ao mar do Caribe.

O traçado já estava feito, pelo menos na cabeça dos políticos. Saindo da capital seguiria direto para Novo Airão, de lá em reta linha cortaria mata fechada rumo a São Miguel do Rio Negro e de onde embicaria para Tupuruquara, depois São Miguel da Cachoeira e por fim chegaria em Cucui já na divisa com a Venezuela.

Acreditavam aqueles senhores que, uma vez cumprido o trecho em pátrio território as autoridades diplomáticas federais, confortavelmente instaladas em Brasília se incumbiriam dos trâmites legais para prosseguimento da empreitada através do país vizinho até o desemboque da rodovia nas cálidas praias caribenhas.

Idéia e "projeto" feitos, correr a contratar engenheiro e peões para início das obras.

Depois de muitos editais convocatórios publicados

em jornais de todo Brasil, apenas um pretendente ao serviço apareceu. Era um jovem engenheiro paulista, recém formado em conceituada universidade, possuidor pois de boa formação além de ser de primorosa estirpe.

Apesar da má impressão inicial quando da entrevista com o oficial de ordens do governador, foi aceito por ser, como já dito, candidato único.

Mãos à obra e toca a abrir a sonhada estrada. Já no primeiro quilômetro eis que encontram exatamente bem no traçado do mapa um gigantesco e centenário Mogno, majestoso, com sua copa tomada por pássaros e ninhos. Sensível às belezas naturais o jovem engenheiro de pronto decidiu por um pequeno desvio de forma a poupar aquela jóia da criação.

Pouco mais adiante lindo e cristalino córrego, em suas margens revoadas de borboletas multicoloridas, samambaias e orquídeas de rara beleza enfeitavam todo seu entorno. Com os olhos marejados de emoção diante de tanta beleza o

engenheiro se recusa terminantemente a aterrar o local para construção da primeira ponte – obra de arte como chamada em linguagem técnica – pois sim obra de arte de verdade era aquela que à sua frente despontava. Novo desvio.

E assim as belezas de nossas verdes matas, de nossa exótica e deslumbrante riqueza natural, iam se sucedendo quase que metro a metro e a cada espetáculo, aos olhos do jovem construtor de caminhos, cada vez mais lembravam as antigas expedições de pesquisa como a do zoólogo da Academia Real de Ciências da Alemanha, Johann B. von Spix ou do também gringo alemão o botânico Karl Friedrich, pura e imensa emoção, sempre aperto na garganta, sempre novo desvio.

Não demorou muito, minto, demorou bastante, meses de incansável trabalho, de desvio em desvio, contorno em contorno, não deu outra – a estrada aberta na mata a duras penas e muitas malárias retornou a Manaus. E assim, contam, esta maravilha da engenharia passou a ser conhecida para desencanto e fúria política como a famosa estrada Manaus-Manaus.

Quanto ao destino do jovem e virtuoso engenheiro, essa já é outra história, mas a boca miúda, desconfiados sussurram os poucos que dele ainda lembram:

– Dizem que virou Caipora.

E desconversam ligeiros.

BILHETE

Sentado no canto mais escuro do bar, coçava a barba por fazer. Daquele ponto podia observar todo o ambiente. O entre e sai das gentes. O apressado engolindo cafezinho, que pelo cheiro que emanava da cafeteira prateada mergulhada em cuba d'água sempre aquecida devia ser requentado, feito há dias talvez.

Outro, a comer lambuzado pão com molho de almôndegas vindas de travessa onde ficavam a boiar em vermelho caldo na vitrina de salgados, como estranhos seres alienígenas que ainda não foram pescadas. Ali também havia ovos cozidos de cascas azuis e vermelhas, pastéis ressecados, e claro, moscas, muitas moscas.

Do seu canto observava também uma parte da movimentada rua. A porta do bar, uma moldura. Enorme boca parecia tentar engolir carros e pessoas que ao seu alcance passavam. Um quadro em movimento, mutável, tristemente dinâmico, vazio. Cinza.

Fazia um calor insuportável. Abaixou os olhos para o seu copo de cerveja, estava quente. Com as costas

da mão conferiu a temperatura da garrafa, sentiu a umidade do vidro suado, mas pressentiu que o que ainda lá restava também já não estava gelado, nem fresco. Assim mesmo tornou a encher o copo,

espuma branca e abundante tomou quase o copo inteiro, uma pequena cachoeira escorregou alva pela borda e derramou pela mesa de lata, virou amarelo líquido rapidamente. Com a ponta do dedo ensaiou um desenho sem sentido com a cerveja derramada. Um círculo, algumas letras, um rio e suas curvas.

Bateu a mão no bolso da camisa procurando o maço de cigarros. Mania, parara de fumar havia muito tempo. Tamborilou no encosto da cadeira do lado uma música que nem conhecia. Ansiedade .

Buscou com os olhos alguém conhecido.

– Mais uma cerveja, por favor, tem torresmo? – Ia ficar ali um bom tempo.

Procurou no bolso o guardanapo de papel rabiscado. Era o bilhete que havia recebido no dia anterior. Entregue por um

menino vendedor de flores, aquelas rosas mumificadas embrulhadas em papel celofane.

– Moço, mandaram entregar. Baixou os olhos para a encomenda um segundo e quando outra vez os ergueu o pequeno mensageiro havia sumido, mágica, não tinha para onde ir tão rápido, estranho.

Além da caligrafia bonita, do perfume que já não mais se podia sentir, o que mais encantava era o beijo de batom. Vermelho vivo. Um convite ao desejo. Prometia encontro naquela mesa, na proteção da tarde quando poucos ao bar se aventuravam. Não conhecia a dona daquela caprichosa mão e de tão perfeita boca. Sonhava.

As horas avançavam, o entre sai aumentava, a moldura da porta adquiria tons escuros, faróis agora acesos cruzavam seu campo de visão. Ninguém. Com paciência sofrida, colou o bilhete no casco da última cerveja, o vermelho do batom escorreu papel abaixo em contato com água condensada. Observou a cena sem emoção especial. Quem sabe amanhã? A solidão ainda permite sonhos.

LUA VIRADA

(Baseado na " Na virada da lua" de Clarice Villa)

Na virada da lua
entre minguante e nova
tenho sempre curto interstício de vida
fenda profunda entre real e imaginário
A reclusão e o silêncio sempre me acompanham
No fundinho da gaveta, junto ao mais perfumado sache ,
jasmim, me aquieto
Pensamentos atormentam meu cotidiano
Pensamentos alimentam meus sonhos
Como voltar?
Lembro dos amigos
Quando voltar?
quando me sentir confortável,
quando me sentir afável.
Por que voltar?
Porque amigos de verdade sempre esperam
Pacientes, compreensivos
Na virada da lua
entre minguante e nova
existe sempre a expectativa da Clara luz da cheia,
Não só lua , mas vida cheia, completa plena, repleta
Tudo isso na virada da lua
na virada da lua
na virada da lua
da lua
da lua

Saci da Lia

Sempre envio saci mensageiro com meus poemas.
Temporada de bons ventos, vai ligeiro.
Vai num pé, volta no mesmo.
Pedi tenência, juízo, mas os sacis dos recados são
custosos, vontade própria.
Hora chega.

Presente divino

(Com dedo da amiga Ly, organizadora de idéias)

carregada da raiz ao céu
jabuticabeira agradece
primeira chuva das flores

SEDA

Era um bichinho miudinho e não entendia a que veio. Ficava o dia todo vendo seus iguais roerem folhas de amoreira numa tagarelice muda, todos a mastigar tenras e verdes folhas. Tempo ido tocavam todos a se enrolar em casulos finos lindamente decorados de brilhantes fios prateados. Crisálidas únicas, perfeitas, iguais. Por força de jejum voluntário atrasava seu curto ciclo. De ninfa queria ser borboleta. Seu destino era voar. Queria o céu.

Observava que seus irmãos eram levados embora cedo, assim que morada prateada construíam. Nunca os viu de asas abertas a secar em preparo para vôo de liberdade. Abandonou as folhas, alimentava-se apenas dos frutos, púrpuras e doces amaras. Quando por fim lhe veio o sono encapsular, teceu turmalinas, fios violeta-púrpuros como salsifis deslumbrantemente mágicos. Sua seda de tão pura e diferente cor passou despercebida das humanas mãos escravizadas pelo hábito, e em bela manhã rompeu fagueira.

E na mais linda das violetas borboletas se transformou. E os homens mais uma vez, mergulhados em daltônica ignorância, presos em sua cobiça e mesmice, deixaram escapar por entre os dedos oportunidade única, rara jóia, a preciosa seda de um majestoso e único violeta.

Flor de pitanga

Passo ligeiro, pé de vento.
Deixo cheiro - flor de pitanga.
Tamanho florada, o chão branco de miúdas pétalas.
Cheiro doce, lembra infância, lembra um não sei aflito de
vontade de lembrar.
As abelhas em zumbida algazarra carregam pólem dourado,
tropel alado. De minha janela, céu ainda lusco-escuro de
alvorecer tardio, as vejo no eterno indo sem vir.
O chão branco de miúdas pétalas, caminho flor.
Passa moça,
passa amor.
Só não passa, essa fica, latente, constante, indefinida;
só não passa essa estranha indescritivelmente vazia dor.

Amigo da onça

Pois não é de ver. Minha função se dá de recontar o acontecido, pois a história e a idéia não são minhas, nem se sabe se dono têm, pois vêm de longe.

É do gosto das gentes, das rodas de prosa. De fim de tarde na venda. Virou caso de rir, mas contam que é um fato ocorrido. A região é a serra do Cipó, lugar de cachoeiras imensas, campos sem fim de sempre-vivas, sempre cor, sempre lá. Do brando vento friorento das montanhas, estas sem tamanho de bonitas, de córregos infinitos, frios, uns mansos outros apressados em seu caminho serra abaixo. Gelados. Nascidos com certeza em geleiras tropicais inexistentes.

Lugar de muita lenda e susto. Grutas e bocas de cavernas de onde volta e meia brotam discos voadores prateados e barulhentos. Assustam gente e bichos, secam o leite das vacas, cavalos se perdem na emprenhês das pedras. Alguns para nunca mais.

Este é o caminho: Conceição do Mato Dentro, bem depois do Alto do Palácio, do Morro do Pilar. Para frente de Conceição escolhe caminho: para um lado Guanhães, para outro ruma-se para o Serro.

Não sei bem se a história ocorreu pras bandas de Passabém ou mais para o ermo de Itambé que, curioso, também é do Mato Dentro. Ou foi no Morro do Pilar?

Faz mal não – a história faz a valia.

Ocorrida há muito, antes de se inventar ecologia. Paz verde era nome de fazenda, seita estrangeira ou cemitério de cidade urbana, grande e barulhenta. Tempos de quando bicho sobrava e ninguém punha vigia de raça desaparecer. Caçar onça era profissão de homem macho, resolvedor de problema – a tindhosa acostumada a comer bezerro tinha de sangrar na bala ou zagaia. Era o tempo. Assim era.

Na vila aquele que por nome recebera e respondia era Zé da Carminha, nome herdado de mãe doceira famosa. Compota de dona Carminha atravessava o mar, ia longe fazer bonito em mesa da Europa, sempre levado por algum filho de fazendeiro ou político local que por lá estudava.

Pois seu Zé da Carminha tinha por hábito, ruim, o exagero e a contação de vantagem. De onça era mestre. Medo tinha não. Com carabina, espeto ou na unha dizia que enfrentava, era só vendo.

Dia desse vindo da Capela dos Marques lá das bandas de Joanésia, beiraninho o Rio Santo, apareceu por esses lados uma turma de caçadores de onça contratados. Vinham a mando de gente graúda, incomodada com o tanto de rês devorada. Na venda onde estavam Zé da Carminha contava o que fazia e acontecia em caçada de pintada, voz alta pela pinga.

Os caçadores, eram quatro, sisudos e enrolados cada qual em sua capa Leal como a esconder armas, só escutando. A trova do outro foi tanta que o convidaram para a empreita contratada. A zoada do álcool era tamanha que Zé aceitou não apenas seguir com a comitiva caçadora como também guiar até ceva grande onde onça dava em pau de tantas que lá havia.

Amanhecido o dia, e a bebedeira, Zé se viu entre a cruz e espada. Se refugasse viagem era tachado de medroso, mesmo o sendo, assim de assumido para si, queria era nunca a pecha. Se fosse se borrarria no miado primeiro que de lonjura que fosse escutasse. Pois foi. Calçou a cara de falsa coragem, bregeu dois conhaques logo cedo e abriu caminho para a tropa dos de fora.

Serra acima bem longe deram num rancho abandonado, daqueles comidos pelo mato – sobrando no que era-foi antigo, só terreiro emaranhado de goiabeiras imensas, pés de limão china, poucas e velhas tábuas do que tinha sido um chiqueiro, e muita, mas muita cachopa de marimbondo-cavalo, dono de ferroada venenosa de tão doída. O poço d'água, pelas mãos de muitos pernoitantes sem rumo, estava ainda rico e bem coberto, bem zelado.

O rancho tinha duas portas, uma servia a entrada outra o quintal.

Na sombra da serra escurece cedo, sol dura menos do que no descampado. Assim, logo que o avejão da pedra abraçou o casebre, toca-se a acender fogo para quentar matula, carne seca com farinha era a janta.

Diz então um dos de lá:

– Então Zé, aqui é onde elas se reúnem.

Zé, por mais prosa que pudesse ter na língua, mentiroso não era não. Aumentava isso sim, se incluía em vantagem dos outros, mas era sério no trato. Cumprira promessa, tinha levado os homens para o ninho das onças.

– Pois então – seguiu o dito, – mostra pra nós. Busca a bicha.

Sem poder falar não, saiu Zé pela porta da horta, não deu três passos e não é que topou com a bruta! Virou nos cascos

da botina e tome a correr, sentindo o sopro da onça a fungar em seu cangote.

– Abre a porta! Abre a porta! – gritava com o pouco e apertado vento que ainda tinha nos bofes.

Pois assim aconteceu, Zé e a onça entraram pela porta dos fundos, na toada que estava vazou que nem corisco pela porta da frente, bateu com força fechando a onça lá dentro com os quatro. Gritou sem parar um pedacinho de segundo:

– Vocês aí, vão tirando o couro dessa que já busco outra! Nunca mais.

Desmanche

linda terça de feira alegre com seus temperos e cheiros
 Linda terça de feira fértil gente atenta a apalpar frutos e
 vidas
 lembranças fortes de pessoa querida
 legumes, farinhas, especiarias, e é claro intransponíveis
 pensamentos absortos-fixos em mamões,
 alfaces e alvas sacarias.
 Almas claras a passear entre gritos de tomates e caquis.
 Quem dá mais?
 Quem dá mais?
 Frágil proteção para almas invadidas
 Cheiro de tempero e peixe fresco
 Feira alegre/triste, contemplativa, risonha
 Fim de feira abusivamente enfadonha
 restos e cascas, sujeira cinza colorida, desperdício e
 fome.
 Fim de feira, resta a terça, esta se quiser se promete
 risonha,
 não permita pois, amiga, o desmantelo
 de sua apalpada e invadida alma,
 muito menos por mãos bisonhas

Letras soltas (lapidando)

Palavras soltas sem razão, sem brisa
 Palavras longe do cais, sem horizonte, sem vento
 palavras tolas
 porque obstinar se nem ao mais puro coração alisa?

Palavras escritas sem sentimento,
 sem vontade, sem emoção
 simples palavras soltas ao vento.

Assim escritas me enchem de medo, apavoram
 se nem ao mais puro coração alisam,
 avassaladoramente minh'alma devoram.

Lições

Buscar distância do entojó
 luta sempre pelo novo
 fugaz lição de vida.
 da palavra ao aceite o merecido deleite
 de tempos a sorrir - prazer, frenesi.

A vida nos traz assombros;
 fugindo sempre de internos escondidos escombros:
 sombrios, úmidos, mas nunca a dar nojo.

Frutos do que criamos, a riqueza bela e clara sempre
 presente.
 Merecemos?
 experiência, vislumbre sempre a calma
 comum em seu bojo
 a lavar com perfumada essência, a alma.

Animal

Ando meio esquisito, sem paciência.
 Caso cumprido conto mais não,
 Perco o fôlego, suspiro sem tristeza.
 Corto frase no meio, espero entendimento,
 Quase nunca vem, sobra desacordo, desavenças.

Ando de prosa curta
 Estou ficando monossilábico.
 De tanta lida passo a parecer com eles.
 Meus bichos. Todos silenciosamente barulhentos, noturnos.
 Escorpiões e morcegos, minha vida, minha rotina.

Ando meio esquisito, monossilábico.
 Paina ao vento; assim deveriam ser as prosas, leves
 ligeiras, rumo? Incerto.
 Bicho fala pouco, observa.

Ando de prosa curta.
 Monossilábico. Velhice?

Dois mundos

Caminhos os há, difícil é saber qual seguir.
Terra batida, atoleiros ou asfalto.
Caminho cósmico - estrelas.
Via Láctea sinalizada - estrada de sonhos
Misteriosa magia. Aquescia por dentro de prazer só de
pensar.
Deitada no telhado frio do curral vigiava o mover dos
astros.
Encantada com a viagem anunciada.
Trecho infinito a percorrer.
Belo luminoso. Volta e meia uma luz mais agitada cortava
seu campo de visão, de vigília a devaneio.
Visitantes estelares ou um simples balão meteorológico a
espiar nuvens, mares e ventos?
Um paranóico avião espião em busca de novas ameaças
imaginárias?
Balança a cabeça como a espantar a idéia.
Quanta falta de poesia. Eram com certeza alienígenas
vestindo impecáveis uniformes prateados. Raça evoluída com
ânsia de dividir conhecimento. Gente do bem vindos de muito
longe.

Já os havia visto em ocasiões diversas. Em sonhos, durante
enfadonhas preleções matinais na igreja. Durante as aulas
de matemática, nos intermináveis almoços e jantares
familiares. Principalmente quando tias e primos
desconhecidos por lá aportavam - vinham da cidade. Chatos.
Principalmente os primos com seus tênis de grife e
palavreado entrecortado, meias e preguiçosas palavras sem
nexo. Eles cheiravam ar condicionado e sanduíche de
shopping. Debochavam em silêncio de suas roupas e de sua
botina mateira.

Mas a presença deles era mais comum à noite, logo depois de
seu pai desligar o motor da energia. Eles gostavam muito do
escuro ou da fraca luz do candeeiro. Visão acostumada à
escuridão do cosmo devia ser isso.

Uma estrela cadente cruzou o céu passou raspando a copa da
mangueira, iluminou o pasto.

Mãe do ouro.

Caminhos os há. E em breve teria que escolher o seu. Não
queria a cidade - traçou o dos céus, para lá é que ia
longe, bem longe. Breve, muito em breve.

Janela

Mundo cinza, sem cor, sem brilho mundo mudo sem som ou
 vento fechado em quarto escuro sem janela.
 Apenas o caos o silêncio e muito, muito sofrimento
 Mundo cinza sem vida, sem amor.
 Áspero sem cânticos ou simples canção.
 Sem céu, sem estrelas ou lua, escuro.
 Apenas amarga, profunda e inimaginável solidão.
 Não meu mundo
 Meu mundo é brando e leve é alvo
 é límpido como a mais recente e fresca neve.
 Janela de um estonteante azul céu, límpido e musical
 por ela, sempre a adentrar o aconchegante aclarar matinal.
 O meu mundo? Meu mundo é a janela!
 Sempre aberta, sem paredes ou quarto.
 Hoje sobre o mar amanhã sobre a terra.
 Janela multicolorida sem dono, dolo ou fechadura,
 Meu mundo minha janela, está sempre pronto a se abrir.
 Bastando amiga, é simples, um sincero afago ou a mais leve
 candura

Soneto apaixonado

Queria eu ser um Neruda ou um Drummond ou um Fernando assim
 em pessoa, quem sabe um Lorca, um Neruda, Vinicius de
 Moraes.
 Queria ser um Manoel que assim como outros Joões também
 mestres de Barros, Cora Coralina, uma Adélia Prado.
 Não! Queria ser Guimarães de tão Rosa, todo João, a
 garimpar palavras nas águas escuras do Urucuaia, nas
 vertentes do Velho Chico. Lavando em bateia cada verso,
 cada rima.
 Se um deles fosse talvez uma declaração diferente aqui
 poderia.
 Mas não. Sou só eu, mineiro das alterosas formosas -
 acabando, ruindo; se indo. Portanto ensimesmado, fechado,
 tímido nas letras. Aprendiz.
 Assim eu sendo fica aqui um simples mas tenro e puro olhar
 de saudades, sem etiqueta, sem obrigações.
 Musical.
 Seja sempre assim: rara flor. Por favor lhe rogo.
 Sempre viçosa, colorida sempre-viva, como as dos campos de
 minha querida Serra do Cipó, essa acredito/espero, pela mão
 do homem não vai nunca, jamais virar pó.
 Viva-sempre meu amor.
 Um beijo apaixonado.

Se eu fosse poeta

se poeta fosse te daria tudo o que pediu e mais um pouco
 haveria por certo gritos de paixão e sussurros loucos.
 se poeta fosse não enxugaria tuas lágrimas jamais, pois
 delas viria torrencial rio de calor, fonte viva inspiração
 constante para cantos puros, alguns marginais.

se poeta fosse - teria as matas, os céus, as estrelas
 viagem em cometa prateado e, conheceríamos lugares
 longínquos, esconderijos encantados onde feliz seria só de
 ali tê-la.

Se poeta fosse te daria mais do que simples rimas preciosas
 te daria a mágica da vida, os segredos dos mares o gosto da
 floresta, o doce das cores um ligeiro perfume de rosas.

Se poeta fosse com humildade, bem devagar, levaria toda a
 sua dor, Mas não sou poeta, não, não sou nada;
 Portanto linda flor, só posso te dar - amor.

Força da amiga

Canto dos pássaros
 brisa calma, mar perfeito
 lindas luas noites frias
 Lareira acesa - vinho a aquecer.
 Sem amigos - qual a graça - nada disso poderia acontecer

Voar

Em vôo cego me pego
 rasante ao vento sobre águas
 apaixonante
 Em vôo cego me pego
 perdido
 Pousado forçado magoado
 Sofrido
 Em vôo me pego cego sem razão
 Não vejo luz só breu
 Escuridão.
 Em vôo me pego, decepcionantemente
 Cego.

Reconto de Natal

Mais um Natal se aproxima e nas ruas vemos as vitrines com suas luzes multicoloridas, num pisca-pisca sem fim. Vozes afinadas e coros ensaiados entoam canções evocando a paz, cores e cheiros, confeitos e panetones exalam de todas as esquinas.

As ruas novamente cheias - gente aflita, em suas expressões a esperança de um novo tempo, falsas alvíssaras.

Acentuadas diferenças, a orgia do consumo desenfreado, fazendo contraste com a miséria escancarada/escondida. Avareza?

Em nome Dele - banquetes são preparados, aves são abatidas, gordurosas carnes compõem o cardápio. E vinho, muito vinho puro néctar. Gula?

Nos locais de trabalho o tradicional amigo oculto, secretamente sorteado. Confraternização geral - em muitos caso o que se vê são trocas de beijos de Judas entre inimigos afáveis de cordialidade curta. Ira? Inveja? Mais uma vez em nome Dele observamos falsa alegria. Para poucos luxo, consumismo e desperdício. Soberba?

Mas um olhar mais atento para nossas sarjetas, para as marquises à nossa volta poderemos perceber que elas escondem o horror da farsa/festa. Enquanto que em ambientes requintados banham-se em caras fragrâncias. Luxúria?

E imaginar que manjedoura distante um Menino pode envergonhado estar chorando tristes lágrimas pela insensibilidade humana.

Não sei não, às vezes me pego a pensar:Será que mais uma vez não esquecemos de convidar O homenageado para Sua grande festa de aniversário. Preguiça?

Tsunami

Pela manhã abri torneira da pia.
Cozinha do quintal.
Tinha um monte de formiguinhas, daquelas miudinhas se
deleitando com
um pingo de sobra doce.

Tsunami doméstico. Agacharam-se todas em pânico grudadas em
inox sem graça, puro brilho. Morte iminente.
Desespero/apego à vida.
Tive dó, fechei ligeiro a cachoeira.
Pelo que vi, salvaram-se todas.

(Uberlândia num finzinho de dezembro , o ano ainda é 2006)

Dedilhando

Fogão de lenha,
cheiro de roça e mato,
tudo fica perfeito
por mais simples o prato.

Informações

Título: Flor de Pitanga

Autor: William Henrique Stutz

Revisão de textos: Clarice Villac

Ebooks.AVBL - Bibliotecas Virtuais

www.ebooks.avbl.com.br

ebooks@avbl.com.br

www.ebooks.avbl.com.br/biblioteca3/williamhenriquestutz.htm

Contatos com autor

whstutz@gmail.com

WILLIAM HENRIQUE STUTZ © Copyright 2007



Flor de Pitanga by William Henrique Stutz is licensed under a

[Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivative Works 3.0 Brazil License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/).